

Processos sociointeracionais no subesquema *ficar de + infinitivo*: (inter)subjetividade, atos de fala e inferências pragmáticas

Sociointeractional processes in the subscheme *ficar de + infinitive*: (inter)subjectivity, speech acts and pragmatic inferences

Líneker Trajano dos Santos¹

Resumo: Este artigo investiga os processos sociointeracionais subjacentes ao subesquema *ficar de + infinitivo* no português brasileiro, integrante da construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]. Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC), analisam-se 352 construtos extraídos da seção Web/Dialetos do Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2016). O estudo examina: (i) os níveis de (inter)subjetividade dos construtos, a partir do continuum proposto por Tantucci (2021), que distingue intersubjetividade imediata (I-I) e intersubjetividade estendida (I-E); (ii) os tipos de Atos de Fala (Searle, 1979) — comissivos, atributivos e assertivos — realizados pelo subesquema; e (iii) as inferências pragmáticas e implicaturas conversacionais presentes nos usos analisados. Os resultados demonstram que *ficar de + infinitivo* opera num continuum (inter)subjetivo: ora o falante se posiciona como agente do comprometimento, ora atribui o comprometimento a terceiros, ora descreve um padrão comportamental habitual com leitura epistêmica. A pesquisa evidencia também que o propósito comunicativo do gênero textual e o domínio discursivo são fatores determinantes para a variação pragmática observada.

Palavras-chave: Ficar de + infinitivo. Processos sociointeracionais. (Inter)subjetividade. Atos de Fala. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Abstract: This paper investigates the sociointeractional processes underlying the subscheme *ficar de + infinitive* in Brazilian Portuguese, as a member of the modalizing construction [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]. Drawing on Usage-Based Functional Linguistics (UBFL) and Construction Grammar (CxG), 352 tokens extracted from the Web/Dialects section of the Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2016) are analyzed. The study examines: (i) the levels of (inter)subjectivity of the tokens, based on Tantucci's (2021) continuum distinguishing immediate intersubjectivity (I-I) and extended intersubjectivity (I-E); (ii) the types of Speech Acts (Searle, 1979) — commissive, attributive, and assertive — performed by the subscheme; and (iii) the pragmatic inferences and conversational implicatures present in the analyzed uses. Results show that *ficar de + infinitive* operates on a (inter)subjective continuum: the speaker either positions themselves as the agent of the commitment, attributes it to a third party, or describes a habitual behavioral pattern with an epistemic reading. The research also shows that communicative purpose and discursive domain are key factors in the pragmatic variation observed.

Keywords: Ficar de + infinitive. Sociointeractional processes. (Inter)subjectivity. Speech Acts. Usage-Based Functional Linguistics.

¹ Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: prof.linekertrajano@gmail.com.

Introdução

O subesquema *ficar de + infinitivo* integra a construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}] no português brasileiro (PB), ao lado de *ter de*, *haver de* e *estar para + infinitivo* (SANTOS, 2023). Considere-se, de saída, as ocorrências a seguir, retiradas do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2016), que ilustram diferentes usos desse subesquema:

- (1) *Meu bom, eu fiquei de arrumar 50 litros de gasolina pra ele. E eu tô torrando de tudo, até sem crédito estou hoje. O senhor tem como me arrumar essa água?* (Corpus do Português)
- (2) *AS CASAS BAHIA ficou de enviar o produto correto e até agora nada!* (Santos, 2017)
- (3) *"Ele fica de ligar e não liga e nem sequer dá uma justificativa porque não telefonou, ela quer marcar um encontro e ele desconversa ou ele marca mas não comparece no local combinado, ele desaparece nos finais de semana, não apresenta a garota para a família e se mantém distante da dela, entre outras coisas."* (Corpus do Português)

Em (1), o falante assume, em primeira pessoa, um comprometimento assumido em momento anterior — "arrumar 50 litros de gasolina" — e o relata no ato de enunciação, demarcando sua própria perspectiva quanto ao evento. Em (2), o escrevente atribui a terceiros — a empresa Casas Bahia — um comprometimento não cumprido, com evidente propósito de cobrança pública. Em (3), por sua vez, a psicóloga citada descreve um padrão de comportamento habitual, em que o comprometimento de ligar regularmente não se concretiza.

Esses três construtos evidenciam, desde já, a riqueza pragmática do subesquema: um mesmo padrão formal — *ficar* (flexionado) + *de* + infinitivo — é recrutado para fins comunicativos distintos, situando-se em diferentes pontos de um continuum (inter)subjetivo e instanciando tipos variados de Atos de Fala. É essa variação pragmática que motiva o presente estudo.

Apesar de sua recorrência no PB, *ficar de + infinitivo* é praticamente ignorado pelas gramáticas tradicionais e descritivas, e os trabalhos linguísticos dedicados especificamente a esse padrão são escassos. Os estudos de Santos (2017, 2023), realizados no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC), constituem a principal referência para a análise aqui empreendida. Em Santos (2017), a construção foi investigada em corpus especializado de reclamações on-line; em Santos

(2023), a análise foi ampliada para o Corpus do Português (Web/Dialetos), abrangendo domínios discursivos diversificados e permitindo uma descrição mais abrangente dos usos do subesquema.

Neste artigo, o enfoque recai sobre os processos sociointeracionais implicados nos usos do subesquema. A dimensão pragmática da linguagem — que permite observar o que não se capta apenas pela análise morfossintática e semântica — é tratada por meio de três eixos complementares: (i) os níveis de (inter)subjetividade, com base no modelo de Tantucci (2021); (ii) os tipos de Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1979) realizados pelo padrão; e (iii) as inferências pragmáticas e implicaturas conversacionais (Grice, 1975; Traugott; Dasher, 2002) que permeiam os construtos.

As questões norteadoras são: (i) Que níveis de (inter)subjetividade são instanciados pelos construtos de *ficar de + infinitivo*? (ii) Que tipos de Atos de Fala são realizados por esse subesquema? (iii) Que inferências pragmáticas são mobilizadas em seus usos? O corpus é composto por 352 construtos extraídos da seção Web/Dialetos do Corpus do Português on-line (Davies; Ferreira, 2016).

O artigo está organizado da seguinte forma: a seção 1 apresenta os pressupostos teóricos; a seção 2 descreve os procedimentos metodológicos; a seção 3 traz as análises; e a seção 4 apresenta as considerações finais.

Pressupostos teóricos

Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) representa uma vertente do funcionalismo linguístico que resulta da confluência entre a Linguística Funcional norte-americana — representada por Hopper (1979, 1987), Givón (1995, 2001) e Bybee (2010) — e a Linguística Cognitiva — representada por Lakoff e Johnson (1980) e Langacker (1987, 1993), entre outros. No Brasil, essa abordagem foi sistematizada, entre outros, por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Oliveira e Rosário (2015) e Furtado da Cunha e Bispo (2023), a partir das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática.

Um dos pressupostos básicos da LFCU é o de que a estrutura da língua emerge a partir do seu uso (Barlow; Kemmer, 2000; Bybee, 2010). Isso implica conceber a língua como uma entidade dinâmica, maleável e adaptável às pressões cognitivas e comunicativas dos falantes em diferentes situações de interação. Como registra Bybee (2010), a língua é um sistema adaptativo complexo constituído, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência. Todo esse processo abre espaço para que a língua exiba variação e mudança das estruturas linguísticas.

Em decorrência desse pressuposto, a LFCU rejeita a autonomia da sintaxe e advoga a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, e a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação (Furtado Da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Nessa direção, a gramática passa a ser entendida não como um sistema autônomo e inato, mas como um produto do uso acumulado de padrões linguísticos, que emergem, se convencioanam e se modificam em função de necessidades comunicativas dos falantes.

A LFCU concede particular destaque aos processos cognitivos que subjazem ao uso da linguagem. Entre eles, Bybee (2010) destaca o chunking — processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se unem para formar unidades mais complexas. Quanto mais sequências empregam os mesmos elementos em cadeia, mais fortes se tornam os elos entre seus componentes, o que contribui para a emergência de construções convencionalizadas. Esse processo está diretamente na base da formação de padrões como *ficar de + infinitivo*: a repetição rotinizada da sequência *ficar + de + verbo* no infinitivo, em contextos de comprometimento, consolidou esse agrupamento como uma unidade com significado próprio, não derivável de forma composicional a partir de seus componentes isolados.

Outro processo cognitivo relevante é a categorização, por meio da qual os falantes reconhecem e alocam formas linguísticas em determinadas categorias a partir de seus traços constitutivos e de sua recorrência em contextos semelhantes. Assim, construtos como "fiquei de arrumar 50 litros de gasolina pra ele" (1) e "AS CASAS BAHIA ficou de enviar o produto correto" (2) são agrupados pelos falantes em uma mesma representação cognitiva de comprometimento, justamente por apresentarem características contextuais e semânticas análogas (Bybee, 2010; Lakoff, 1987).

A perspectivação conceptual (Langacker, 1987, 1991; Talmy, 2000) é igualmente relevante para a análise de *ficar de + infinitivo*. Esse processo diz respeito ao modo como o falante organiza e perspectiva uma determinada cena, a partir de sua posição de observador e dos objetivos comunicativos que orienta. Como demonstrado em Santos (2017), ao utilizar "ficaste de me encaminhar as faturas", por exemplo, o reclamante opta por perspectivar o comprometimento da empresa a partir do ângulo do atendente individual ("ficaste"), e não do coletivo ("ficaram") ou da entidade ("ficou a empresa"), evidenciando que a perspectiva adotada pelo falante impacta a escolha da flexão de V1 e orienta os efeitos pragmáticos do enunciado.

No plano dos processos cognitivos, destaca-se ainda a metonímia conceptual (Lakoff; Turner, 1989), que opera na origem do sentido de compromisso de *ficar de + infinitivo*. Em construtos históricos como "ficou encarregado de fechar os registros", o verbo *ficar* absorveu, via contiguidade conceptual e estrutural, o sentido de "ser encarregado de", em um processo de reanálise (Hopper; Traugott, 2003). Esse mapeamento metonímico — em que a ação futura (fechar os registros) passa a ser projetada pela construção como comprometimento — está na base da convencionalização do sentido deôntico do subesquema no PB.

A LFCU enfatiza também que as análises linguísticas devem considerar as condições de produção dos enunciados: os propósitos do evento de fala, os participantes, o contexto discursivo e as motivações sociointeracionais envolvidas. Segundo Oliveira e Votre (2009), fatores de natureza pragmático-comunicativa não só podem ser responsáveis pela regularização gramatical, como também atuam na seleção e organização daquilo que a própria gramática atualiza. É precisamente nessa dimensão sociointeracional que se situa a análise desenvolvida neste artigo.

Gramática de Construções

A Gramática de Construções (GC) foi iniciada por Fillmore, Kay e Lakoff no final dos anos 1980, a partir de estudos sobre expressões idiossincráticas. Desde então, diferentes modelos se desenvolveram — como a Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2006), a Gramática de Construções Radical (Croft, 2001, 2013) e a perspectiva diacrônica de Traugott e Trousdale (2013) —, e o escopo de investigação expandiu-se de

modo que hoje é mais preciso falar de Gramáticas de Construções, no plural, do que de uma única teoria (Croft; Cruse, 2004).

A contribuição central da GC é a de propor a construção — definida como emparelhamento convencional de forma e significado (Langacker, 1987; Goldberg, 1995, 2006) — como unidade básica da gramática. No polo da forma, encontram-se propriedades sintáticas, morfológicas e fonéticas; no polo do significado, propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas. O elo entre esses dois polos é um link de correspondência simbólica (Croft, 2001), o que implica que a relação entre forma e função é convencionalizada e, portanto, não pode ser inteiramente predita a partir das partes componentes.

Sob esse prisma, a língua é concebida como uma rede de nós e elos — o constructicon (Evans, 2007) —, na qual construções de diferentes graus de abstração se organizam hierarquicamente por meio de relações de herança. Construções mais específicas herdam propriedades de construções mais gerais, e podem instanciar, nos níveis inferiores da hierarquia, subesquemas, microconstruções e construtos individuais (Traugott; Trousdale, 2013). Nessa arquitetura, *ficar de + infinitivo* ocupa o nível subesquemático da construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}] (Santos, 2023), herdando dela propriedades formais e funcionais e especializando-se semântica e pragmaticamente em direção ao sentido de comprometimento.

Traugott e Trousdale (2013) propõem que as construções podem ser analisadas em termos de três propriedades fundamentais: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade diz respeito ao grau de abstração de uma construção, isto é, ao quanto ela é geral e capaz de sancionar instâncias mais específicas. A produtividade refere-se à capacidade de a construção recrutar uma ampla gama de itens lexicais como preenchedores de seus slots. A composicionalidade, por fim, é uma medida semântica que indica o grau em que o significado do todo pode ser previsto a partir do significado das partes.

No caso de *ficar de + infinitivo*, o subesquema exibe baixa composicionalidade: seu sentido de comprometimento não é calculável pela mera soma do significado de ficar, de e o infinitivo. Como demonstrou Santos (2017), um falante do PB que desconheça esse padrão poderia interpretar "fiquei de arrumar" como uma sequência de permanência-

finalidade ("fiquei [em algum lugar] para arrumar"), e não como a assunção de um compromisso. Ao mesmo tempo, o padrão é analisável — os falantes reconhecem os elementos que o compõem e ativam suas relações na interpretação —, o que indica que composicionalidade e analisabilidade são medidas independentes (Bybee, 2010; Langacker, 1987, apud Bybee, 2010).

A GC ressalta ainda que o significado de uma construção é, em parte, independente das palavras que a constituem. Como argumenta Goldberg (1995, 2006), construções podem atribuir papéis participantes e sentidos que não estão presentes nos verbos individualmente. No caso de *ficar de + infinitivo*, o subesquema impõe ao predicado o sentido de comprometimento, independentemente de o verbo no slot V2 ter ou não esse traço em seu significado lexical básico: tanto "ficou de ligar" quanto "ficou de fazer um estudo" projetam a ideia de compromisso, mesmo que ligar e fazer não a veiculem sozinhos.

Outra noção relevante é a de Atos de Fala no âmbito da GC. Conforme Fillmore (1989, 1996) e Fried e Östman (2004), numerosas construções gramaticais são instrumentos de interação, embora a GC, em seu desenvolvimento inicial, tenha dado tratamento relativamente restrito à pragmática. Fried e Östman (2004, p. 24) observam que "a força e o efeito pragmáticos foram reconhecidos principalmente como transmitidos por meio de convenções da língua, não em termos de raciocínio conversacional ou restrições e possibilidades socioculturais". A articulação entre GC e estudos pragmáticos — especialmente os Atos de Fala e a (inter)subjetividade — é justamente o que o presente trabalho busca desenvolver.

Subjetividade, intersubjetividade e o modelo de Tantucci (2021)

Traugott e Dasher (2002) definem subjetividade como o processo pelo qual os falantes codificam suas perspectivas, pontos de vista e atitudes em relação ao que dizem. Trata-se de uma das principais motivações para a mudança semântica e se constitui em um processo cognitivo verificável em nível de discurso, por meio das escolhas linguísticas que o falante faz na interação comunicativa, as quais sinalizam objetivos discursivos específicos. A intersubjetividade, por sua vez, está intimamente ligada à subjetividade: ela ocorre quando o falante considera o "outro" na codificação da informação, seja no sentido

social da interação, seja no sentido epistêmico, que expressa a atitude do falante em relação ao ouvinte, implícita no enunciado.

Para Traugott e Dasher (2002), há uma tendência geral de os sentidos dos elementos linguísticos caminharem na direção de uma subjetivização (com aumento da expressividade da perspectiva do emissor) e de uma intersubjetivização (em função de essa expressividade estar voltada para as expectativas do receptor). Isso se deve ao fato de os parceiros da comunicação negociarem sentidos de maneira cooperativa nos contextos específicos de interação, de modo que o falante sugere ao ouvinte que faça inferências em busca de novos sentidos a partir do contexto de uso. Para Traugott (2010), (inter)subjetividade representa um estado sincrônico, enquanto (inter)subjetivização designa o processo diacrônico correspondente.

Tantucci (2021) propõe um refinamento dessas noções ao argumentar que a intersubjetividade não é uma categoria binária, mas um continuum semântico-pragmático. O autor identifica, em um extremo, os atos linguísticos coacionais — intersubjetivamente não marcados, em que o foco do falante recai exclusivamente sobre sua relação com a proposição, sem orientação evidente para o interlocutor. Em seguida, distingue a intersubjetividade imediata (I-I) — atos em que o falante demonstra consciência das emoções, crenças ou reações de um interlocutor específico e identificável. No outro extremo do continuum, situa-se a intersubjetividade estendida (I-E) — atos linguísticos baseados em uma consciência de cognição social mais ampla, dirigidos a personas genéricas, grupos ou à sociedade como um todo.

Para Tantucci (2021), a capacidade dos falantes de atribuir diferentes potenciais de significado a uma mesma forma linguística revela habilidades intersubjetivas sofisticadas, e as polissemias de uma construção não são acidentais: desdobram-se ao longo do tempo em resposta às necessidades interacionais dos falantes, ora orientadas para o destinatário específico (I-I), ora para a sociedade de modo mais amplo (I-E). Esse continuum é particularmente relevante para a análise de *ficar de + infinitivo*: como será demonstrado, construtos como (1), (2) e (3) se situam em pontos distintos dessa escala, evidenciando que o mesmo subesquema serve a propósitos intersubjetivos bastante variados.

Teoria dos Atos de Fala e inferências pragmáticas

A Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida por Austin (1962) e Searle (1979), postula que todo enunciado realiza uma ação no mundo. Para Austin (1962), qualquer ato de fala possui uma força ilocucionária, a partir da qual a linguagem ganha uma "força do fazer coisas", isto é, uma ação é realizada por meio do dito. Para Searle (1979), os atos ilocucionários classificam-se em tipos, dentre os quais se destacam para a análise deste artigo: (a) atos comissivos — o falante se compromete a realizar uma ação futura (prometer, jurar, garantir); (b) atos diretivos — o falante leva o interlocutor a realizar uma ação (ordenar, pedir, sugerir); e (c) atos assertivos — o falante se compromete com a verdade do conteúdo proposicional (afirmar, asserir, constatar).

Os atos comissivos têm direção de ajuste mundo-palavra e condição de sinceridade centrada na Intenção: o conteúdo proposicional expressa sempre uma ação futura do falante. Quando o comprometimento é atribuído a terceiros — como em "a ministra ficou de dar uma resposta" ou "AS CASAS BAHIA ficou de enviar o produto correto" (2) —, tem-se o que se pode chamar de ato comissivo atributivo: o falante não se compromete diretamente, mas representa o comprometimento de outrem, com propósitos que variam do relato neutro à cobrança ou à persuasão.

O conceito de Ato de Fala Indireto (AFI) é igualmente central. Para Searle (1979, p. 50), "em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com uma informação de base, linguística e não linguística, que compartilhariam, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que teria o ouvinte". Thornburg e Panther (1998) apontam que há correlação entre AFIs e modelos cognitivos que evocam metonimicamente o evento inteiro ou parte dele. Assim, ao dizer "a empresa ficou de me ressarcir", o falante pode evocar, via metonímia parte-todo, todo o modelo cognitivo de cobrança — incluindo a ideia de que houve um acordo e de que esse acordo não foi cumprido.

A noção de inferência pragmática (Traugott, 1988; Traugott; Dasher, 2002; Bybee, 2015) designa o processo pelo qual características contextuais disparam a construção de novos sentidos, pragmaticamente motivados, a partir dos significados lexicais e construcionais disponíveis. Esse processo é fundamental para compreender como *ficar de + infinitivo*, a partir de seu sentido básico de compromisso deôntico, pode assumir leituras

epistêmicas em determinados contextos de uso — especialmente quando V1 ocorre no presente do indicativo com valor habitual, como em (3), acionando a inferência de que o comprometimento provavelmente nunca se concretizará.

Relacionada à inferência pragmática está a noção de implicatura conversacional (Grice, 1975). Segundo Martelotta (2011), esse conceito implica que o significado de uma construção não corresponde ao seu sentido literal, sendo deduzido do contexto. Assim, o falante tende a adaptar seu enunciado aos diferentes contextos de comunicação, evocando implicaturas, e convida o ouvinte a inferi-las (Traugott; Dasher, 2002). No subesquema investigado, a implicatura cobratória — de que um comprometimento foi assumido e não cumprido — é recorrente e fortemente dependente de elementos co(n)textuais como a negação sequencial e o gênero textual em que a construção ocorre.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa-quantitativa e está assentada em dados reais de uso linguístico. O banco de dados foi constituído a partir da seção Web/Dialetos do Corpus do Português on-line (Davies; Ferreira, 2016), composta por aproximadamente um bilhão de palavras de páginas da web em quatro países de Língua Portuguesa, com seleção da variedade brasileira.

A coleta dos dados seguiu dois procedimentos complementares. No primeiro, foram realizadas buscas por cada flexão verbal de ficar — fiquei de, ficou de, ficará de, ficaria de, ficavam de, ficara de etc. — seguida de verbo no infinitivo, descartando-se as ocorrências que não instanciavam o padrão alvo (como "ficou de cara", "ficar de molho"). No segundo, foram utilizadas as listas de types mais recorrentes geradas automaticamente pelo corpus, por meio do código [ficar de + v*]. Em ambos os procedimentos, selecionou-se 10% do total de tokens por flexão, com limite de 100 construtos para as formas de alta frequência. O resultado foi uma amostra de 352 construtos de *ficar de + infinitivo*, distribuídos em 113 types distintos quanto ao preenchimento do slot V2.

Para as análises sociointeracionais, os critérios adotados foram: (i) identificação do nível de (inter)subjetividade de cada construto, com base no continuum proposto por Tantucci (2021): ato linguístico coacional / intersubjetividade imediata (I-I) / intersubjeti-

vidade estendida (I-E); (ii) classificação do tipo de Ato de Fala instanciado: comissivo de primeira pessoa, comissivo atributivo, assertivo ou ato de fala indireto; e (iii) análise das inferências pragmáticas e implicaturas conversacionais mobilizadas pelo co(n)texto.

As análises foram conduzidas a partir da leitura qualitativa dos construtos em seus contextos originais de ocorrência, buscando integrar informações linguísticas e extralinguísticas relevantes para a interpretação pragmática. Quando necessário, o co(n)texto mais amplo de cada ocorrência foi consultado na fonte original, disponível no Corpus do Português.

Processos sociointeracionais do subesquema *ficar de + infinitivo*

A análise dos processos sociointeracionais expande a compreensão sobre um fenômeno linguístico, na medida em que permite flagrar o que não se capta simplesmente pela observação de aspectos morfossintáticos, semânticos ou cognitivos. É preciso, portanto, observar a interação entre os possíveis interlocutores, com o objetivo de apreender as estratégias pragmáticas utilizadas na comunicação, a partir do que se sabe sobre os envolvidos, as normas sociais, as emoções esperadas, as crenças e os comportamentos dos membros do grupo social em questão (Santos, 2023). Nas subseções seguintes, apresentam-se os três eixos analíticos anunciados: (inter)subjetividade, Atos de Fala e inferências pragmáticas.

(Inter)subjetividade e o continuum de Tantucci (2021)

Um aspecto central da análise sociointeracional de *ficar de + infinitivo* é o reconhecimento de que os construtos não exibem um nível fixo de (inter)subjetividade. Ao contrário, o mesmo subesquema pode situar-se em diferentes pontos do continuum proposto por Tantucci (2021), desde usos altamente subjetivos — em que o foco recai sobre a perspectiva do próprio falante — até usos de intersubjetividade estendida — em que o comprometimento é projetado para personas genéricas ou para a sociedade. Considere-se, inicialmente, o construto em que o comprometimento é assumido pela própria escrevente:

- (4) *Já falei aqui sobre a gravidez, sobre a amamentação, e fiquei de falar em algum momento sobre o meu parto. Esse blog não é sobre maternidade, é sobre a minha vida em terras lusas, e definitivamente, dar à luz uma criança aqui faz parte da minha vida. Vamos ter mais alguns posts sobre isso, mas não mudei o foco do blog, fiquem descansados!* (Corpus do Português)

Em (4), a autora do blog utiliza "fiquei de falar em algum momento sobre o meu parto" para retomar um comprometimento previamente assumido com seus leitores. O ato é altamente subjetivo: o sujeito do verbo *ficar* e o agente do comprometimento são a própria falante, e as pistas linguísticas — "já falei, meu parto, aqui, esse blog, minha vida, vamos ter mais alguns posts sobre isso, fiquem descansados" — constroem uma interação claramente orientada para um conjunto específico de leitores presumidos. Há, portanto, uma dimensão de intersubjetividade imediata (I-I): a escrevente monitora as possíveis reações de seu público e os tranquiliza quanto à manutenção do foco do blog.

O ato de fala, nesse caso, é comissivo: a autora não promete explicitamente, mas a construção *ficar de + infinitivo* codifica, de modo convencionalizado, o sentido de comprometimento anterior — "me comprometi antes e estou agora comunicando que irei cumprir". Esse valor performativo é produto do processo de reanálise metonímica descrito na seção anterior, em que *ficar* absorveu o sentido de engajamento futuro, distanciando-se de seu sentido locativo básico (Santos, 2017, 2023).

A ocorrência seguinte exhibe um deslocamento significativo na distribuição dos papéis enunciativos:

- (5) *Esta estratégia chegou a constar da proposta de reforma tributária que o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, apresentou ao Senado, durante reunião da CAE em abril. O governo e os secretários estaduais de Fazenda ficaram de fazer um estudo mostrando o impacto dessa mudança nas finanças de cada Estado, apontando perdedores e ganhadores.* (Corpus do Português)

Em (5), o jornalista — falante conceptualizador — não coincide com o agente do ato de fala comissivo. O comprometimento é atribuído ao "governo e aos secretários estaduais de Fazenda". Esse tipo de uso, que denominamos ato comissivo atributivo, revela uma intersubjetividade fluida: o locutor assume uma posição de autoridade diante dos leitores do jornal, que tendem a receber como verdade a afirmação de que houve o comprometimento. Nuyts (2012, p. 58) observa que construções intersubjetivas podem

sustentar significados modais "apresentados como sendo compartilhados entre o avaliador e um grupo mais amplo de pessoas, possivelmente (mas não necessariamente) incluindo o ouvinte". É exatamente o que ocorre aqui: o jornalista projeta o comprometimento como um fato estabelecido, esperando que os leitores compartilhem dessa avaliação. Do ponto de vista da (inter)subjetividade, esse construto transita da intersubjetividade imediata — o jornalista escreve para os leitores específicos do jornal — à estendida, na medida em que qualquer leitor que acesse a matéria poderá verificar, questionar ou apoiar a afirmação.

O terceiro polo do continuum é ilustrado pelos construtos já apresentados na introdução:

- (6) *"Ele fica de ligar e não liga e nem sequer dá uma justificativa porque não telefonou, ela quer marcar um encontro e ele desconversa ou ele marca mas não comparece no local combinado, ele desaparece nos finais de semana, não apresenta a garota para a família e se mantém distante da dela, entre outras coisas."* (Corpus do Português)

Em (6), a psicóloga emprega "ele fica de ligar e não liga" para descrever o comportamento típico de um rapaz desinteressado. Trata-se de uma persona genérica, que não corresponde a nenhum indivíduo específico, mas a um tipo social reconhecível. Esse uso configura intersubjetividade estendida (I-E): a consciência intersubjetiva não é afetiva — não se projeta para as emoções de um destinatário particular —, mas epistêmica, voltada para o conhecimento ou a crença de interlocutores genéricos. Além disso, semanticamente, esse construto desloca-se do polo deôntico para o epistêmico: não há um comprometimento efetivamente assumido e representado pelo falante, mas a constatação habitual de que alguém que regularmente afirma comprometer-se a ligar, de fato, nunca o faz. O presente do indicativo, combinado com a sequência adversativa "fica de ligar e não liga", aciona uma leitura inferencial de que o comprometimento futuro provavelmente não se concretizará.

O Quadro 1 sistematiza os construtos analisados em termos de posicionamento no continuum (inter)subjetivo:

Quadro 1. Continuum (inter)subjetivo em construtos de *ficar de + infinitivo*

Construto	Tipo de uso	Nível (inter)subjetivo	Propósito comunicativo
fiquei de falar sobre o meu parto (4)	Comissivo de 1ª pessoa	I-I: leitores presumidos do blog	Retomar compromisso anterior; tranquilizar o público
ficaram de fazer um estudo (5)	Comissivo atributivo	I-I → I-E (fluida): leitores do jornal + sociedade	Reportar e responsabilizar terceiros
ele fica de ligar e não liga (6)	Assertivo / epistêmico	I-E: persona genérica	Descrever padrão comportamental; alertar interlocutor genérico

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Santos (2023) e Tantucci (2021).

Tipos de Atos de Fala em *ficar de + infinitivo*

A análise das instâncias de uso de *ficar de + infinitivo* demonstra que o subesquema não se restringe à realização de um único tipo de Ato de Fala. As interfaces pragmáticas identificadas nos dados distribuem-se, principalmente, entre atos comissivos de primeira pessoa, atos comissivos atributivos, atos assertivos e Atos de Fala Indiretos.

Os atos comissivos de primeira pessoa são os mais diretamente alinhados ao significado construcional prototípico. Neles, o falante que usa *ficar de + infinitivo* demarca que se comprometeu, em momento anterior, a realizar Y, e o enunciado funciona como anúncio ou confirmação desse comprometimento. Conforme Searle (1979), nos comissivos a direção de ajuste é mundo-palavra e a condição de sinceridade é a Intenção: o conteúdo proposicional expressa sempre uma ação futura do falante. O construto (4) ilustra esse tipo, e o mesmo ocorre em:

- (7) *Depois de ter publicado o post Arma de Guerra, falando do novo Ford Police Interceptor para a polícia americana, o assunto veio à baila nos comentários e um leitor lembrou uma Parati da polícia pela qual fui responsável por sua preparação. Fiquei de escrever a respeito e aproveito para falar de mais dois carros de polícia.* (Corpus do Português)

Em (7), o escrevente retoma, igualmente, um comprometimento assumido com seus leitores em momento anterior. A construção "fiquei de escrever a respeito" indica que, em interação anterior — os comentários do post —, houve um engajamento tácito do autor em produzir o conteúdo. O enunciado "aproveito para falar de mais dois carros de polícia"

confirma que esse comprometimento está sendo cumprido. A leitura pragmática é a de um ato comissivo de primeira pessoa com efeito de reforço da face positiva do escrevente (BROWN; LEVINSON, 1987): ele se mostra confiável perante seu público.

Nos atos comissivos atributivos, a não coincidência entre o falante conceptualizador e o agente do comprometimento é o traço definidor. Além de (5), os construtos a seguir exemplificam esse tipo:

- (8) *AS CASAS BAHIA ficou de enviar o produto correto e até agora nada!* (Santos, 2017)
- (9) *A Caixa Econômica ficou de dar uma resposta sobre o caso, mas, até o fechamento da reportagem, não se pronunciou.* (Corpus do Português)

Em (8), o escrevente publica a reclamação em site de reclamações on-line, atribuindo à empresa Casas Bahia um comprometimento não cumprido. A construção "ficou de enviar o produto correto", combinada com a adversativa "até agora nada", gera a implicatura cobratória: o interlocutor é convidado a compartilhar o julgamento de que houve falha. Além da cobrança, o propósito intersubjetivo é persuadir os leitores do site — potenciais compradores — a não negociar com essa empresa, um efeito perlocucionário típico do gênero reclamação on-line (Santos, 2017).

Em (9), o contexto jornalístico confere autoridade à atribuição de comprometimento: o leitor tende a tomar como fato estabelecido que a Caixa Econômica assumiu o compromisso de dar uma resposta. A expressão "mas, até o fechamento da reportagem, não se pronunciou" reforça a implicatura de que o comprometimento não foi honrado, com efeito perlocucionário de prestação de contas pública.

Tais usos evidenciam que *ficar de + infinitivo* pode operar como uma estratégia intersubjetiva de responsabilização: ao representar que alguém ficou de fazer algo, o falante não apenas informa, mas convida o interlocutor a compartilhar o julgamento de que há uma obrigação — eventualmente não cumprida — por parte do agente mencionado.

O terceiro tipo, o ato assertivo com leitura epistêmica, aparece especialmente nos construtos com V1 no presente do indicativo. Além de (6), o exemplo a seguir ilustra essa categoria:

- (10) *Há duas semanas, parlamentares do Espírito Santo estiveram com a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, para pedir mudanças no leilão. Eles reclamam da cobrança de pedágios de R\$ 9 e R\$ 9,70 em duas praças na BR-262, num trecho que será duplicado com recursos públicos, do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e depois entregue aos concessionários. Os capixabas querem que as tarifas sejam menores. A ministra ficou de dar uma resposta.* (Corpus do Português)

Em (10), a ministra é apresentada como agente de um comprometimento relatado pelo jornalista. O uso do pretérito perfeito "ficou de dar uma resposta", sem a adversativa de não cumprimento, mantém a leitura em aberto: o comprometimento é apresentado como assumido, mas o texto não informa se foi ou não cumprido. Esse uso é essencialmente assertivo-reportativo: o jornalista representa o comprometimento como fato estabelecido, delegando ao leitor a inferência sobre seu eventual cumprimento.

O quarto tipo, o Ato de Fala Indireto (AFI), ocorre em construtos nos quais *ficar de + infinitivo* veicula uma avaliação implícita que vai além da mera representação do comprometimento. O exemplo a seguir ilustra esse uso:

- (11) *Quero saber se vc conhece o sr. "X" que fica na Barra da Tijuca, pois estou desconfiada de que ele está me passando pra trás. Já paguei à vista dois aparelhos auditivos por causa da promoção que vi em a revista "O Globo" (quem comprasse o par, o segundo aparelho teria 50%). Levou 25 dias pra chegar. Diz ele que chegaria antes de 15 dias, marcou na terça-feira, quando foi o dia, tentei ligar antes de ir, falei com a secretária dele, não sabia se era pra eu ir, ficou de dar retorno, fiquei esperando por uma hora, liguei de novo, e pedi pra eu esperar mais um pouco.* (Corpus do Português)

Em (11), a sequência "ficou de dar retorno, fiquei esperando por uma hora, liguei de novo, e pedi pra eu esperar mais um pouco" constrói progressivamente a imagem de um fornecedor não confiável. A construção "ficou de dar retorno" não apenas relata o comprometimento da secretária, mas, no contexto mais amplo do texto — que começa com "estou desconfiada de que ele está me passando pra trás" —, funciona como evidência de uma cadeia de descumprimentos. Tem-se, portanto, um AFI: a afirmação do comprometimento serve para asserir indiretamente a desconfiança da escrevente quanto à seriedade do estabelecimento. O interlocutor (os leitores do fórum) é convidado a inferir, a partir do acúmulo de eventos, que o estabelecimento não cumpre seus acordos. O Quadro 2 sintetiza os tipos de Atos de Fala identificados:

Quadro 2. Tipos de Atos de Fala em construtos de *ficar de + infinitivo*

Tipo de Ato de Fala	Agente do comprometimento	Propósito pragmático	Exemplos
Comissivo de 1ª pessoa	O próprio falante	Assumir/confirmar comprometimento anterior	(4) e (7)
Comissivo atributivo	Terceiro(s)	Relatar, cobrar ou responsabilizar outrem	(2), (5), (8), (9)
Assertivo/reportativo	Terceiro(s)	Reportar comprometimento sem cobrança explícita	(10)
Assertivo/epistêmico	Agente genérico ou hipotético	Descrever padrão comportamental habitual	(3) e (6)
Ato de Fala Indireto	Terceiro(s)	Sugerir avaliação negativa via inferência acumulada	(11)

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Santos (2023) e Searle (1979).

Inferências pragmáticas, implicaturas e propósitos comunicativos

A compreensão plena de *ficar de + infinitivo* depende, em grande medida, das inferências pragmáticas que os interlocutores constroem a partir do co(n)texto de uso. Conforme Traugott e Dasher (2002), a inferenciação pragmática é uma atividade por meio da qual características contextuais disparam a construção de novos sentidos, pragmaticamente motivados, juntamente com os significados originais de uma dada construção.

No subesquema investigado, a inferência mais recorrente é a de que um comprometimento foi assumido e ainda não cumprido. Essa leitura emerge tipicamente quando o construto ocorre no pretérito perfeito e é acompanhado de algum elemento de negação ou contração. Os exemplos (8) e (9) já apresentados ilustram esse padrão. Vejam-se outros casos:

(12) *Ao contar do dia 17.10.14 me passaram uma proposta de negociação, porém fiquei com dúvidas referente ao que estava sendo negociado e fiquei de acessar o site e verificar e retornar a ligação no dia seguinte.* (Santos, 2017)

(13) *Meu Saldo ficou de entrar em 2 dias. Já faz 1 semana e nada.* (Corpus do Português)

Em (12), o reclamante usa "fiquei de acessar o site e verificar e retornar a ligação no dia seguinte" para registrar um comprometimento que, pelo contexto da reclamação, não resultou na resolução do problema. A implicatura cobratória é clara: embora o próprio falante tenha assumido um comprometimento, o escrevente deixa claro que esse comprometimento surgiu em razão de incertezas geradas pelo banco — "fiquei com dúvidas referente ao que estava sendo negociado" —, atribuindo, indiretamente, a responsabilidade pelo impasse à empresa. Trata-se, pois, de um uso que mescla subjetividade — o falante/reclamante — e intersubjetividade imediata — orientada para os leitores do site de reclamações.

Em (13), a construção metonimizada "Meu Saldo ficou de entrar" atribui o comprometimento ao saldo — AÇÃO pelo AGENTE, em que o saldo (ação) representa a empresa responsável por fazê-lo entrar. O advérbio "já faz 1 semana e nada" aciona a implicatura de descumprimento e, portanto, de cobrança. Esse mecanismo metonímico foi identificado em Santos (2023) como um recurso frequente no gênero reclamação, em que entidades inanimadas são tomadas pelas empresas que as controlam.

Esse mecanismo se articula diretamente com o contexto discursivo em que a construção ocorre. No gênero reclamação, a implicatura cobratória é altamente recorrente porque o propósito comunicativo do gênero — denunciar a falha de um serviço ou produto — favorece o uso de *ficar de + infinitivo* como estratégia de responsabilização. Nesse contexto, a construção funciona como um dispositivo pragmático que permite ao reclamante não apenas narrar o ocorrido, mas atribuir comprometimento à entidade mencionada e, de modo intersubjetivo, convocar a concordância dos leitores quanto à legitimidade da cobrança.

Considere-se também o seguinte construto, extraído de um domínio discursivo diverso, em que a implicatura ativada é de outra natureza:

- (14) *Depois de ter publicado o post Arma de Guerra, falando do novo Ford Police Interceptor para a polícia americana, o assunto veio à baila nos comentários e um leitor lembrou uma Parati da polícia pela qual fui responsável por sua preparação. Fiquei de escrever a respeito e aproveito para falar de mais dois carros de polícia.* (Corpus do Português)

Em (14) — retomando o construto (7) —, a inferência ativada é de continuidade discursiva e de coerência com o contrato comunicativo implicitamente estabelecido com os leitores do blog. Diferentemente dos exemplos anteriores, não há descumprimento: o comprometimento está sendo honrado no próprio ato de enunciação. A implicatura resultante é positiva: o falante é confiável, cumpre o que promete, o que reforça sua face positiva perante os leitores (Brown; Levinson, 1987).

Nos usos com V1 no presente do indicativo com valor habitual, as inferências pragmáticas assumem coloração epistêmica. No construto (6), "ele fica de ligar e não liga" não demanda apenas o conhecimento do significado básico da construção, mas também a capacidade do interlocutor de integrar o enunciado ao contexto mais amplo do texto — que descreve padrões de comportamento de homens desinteressados em relacionamentos amorosos. A implicatura é que o comprometimento de ligar nunca se concretizará: a habitualidade do padrão descrito (evidenciada pelo presente) e a negação sequencial disparam a inferência de que se trata de um comportamento enraizado, não de uma falha pontual.

Esse deslocamento inferencial do deôntico para o epistêmico coaduna-se com o que Sweetser (1990) postulou sobre a trajetória semântica dos modais: a partir do domínio sociofísico da obrigação e do comprometimento (deôntico), os valores modais tendem a ser mapeados metaforicamente para o domínio do raciocínio e da probabilidade (epistêmico). No caso de *ficar de + infinitivo*, esse mapeamento se manifesta pragmaticamente: quando o comprometimento é apresentado como habitual e sistematicamente não cumprido, o enunciado convida à inferência de que ele nunca se concretizará, aproximando o subesquema do domínio da probabilidade.

Um caso especialmente interessante de AFI com inferência epistêmica é o construto a seguir:

- (15) *Bom seria se o Palmeiras contratasse Mendieta e Velazquez e se livrasse de M.Leite, Vinicius, M.Araújo e devolvesse Kléber ao Porto e Rondinelly que veio do Grêmio só pra dar gasto. Por falar em Grêmio, os gaúchos não ficaram de dar 5 jogadores na negociação com o Barcos?* (Corpus do Português)

Em (15), o uso de *ficar de + infinitivo* em uma pergunta retórica — "os gaúchos não ficaram de dar 5 jogadores na negociação com o Barcos?" — tem o efeito de cobrar ou questionar o cumprimento de um comprometimento presumido. O falante não precisa afirmar explicitamente que houve falha: a estrutura interrogativa negativa com a construção já convoca o interlocutor a inferir que o compromisso não foi honrado. Trata-se de um AFI em que a pergunta serve para fazer uma asserção indireta — "o Grêmio não cumpriu o que havia acordado" —, com efeito intersubjetivo imediato direcionado aos participantes do fórum de discussão.

Por fim, importa destacar que os propósitos comunicativos do gênero textual e o domínio discursivo são fatores determinantes para a variação pragmática observada. Os construtos coletados no corpus mostram que *ficar de + infinitivo* ocorre em contextos muito diversificados — blogs pessoais, textos jornalísticos, fóruns de discussão, reclamações on-line, comentários — e que, em cada domínio, o subesquema é recrutado para propósitos pragmáticos específicos. No gênero reclamação, predominam os atos comissivos atributivos com implicatura cobratória. Nos blogs pessoais, prevalecem os atos comissivos de primeira pessoa, com implicatura de cumprimento e reforço de face positiva. Nos contextos de análise ou orientação — como o texto da psicóloga em (6) — surgem os usos assertivos epistêmicos, com implicaturas de probabilidade. Nos fóruns de discussão, os AFIs com pergunta retórica, como em (15), mobilizam a inferência coletiva dos interlocutores em direção a uma avaliação negativa do agente.

Considerações finais

Este artigo analisou os processos sociointeracionais do subesquema *ficar de + infinitivo* no português brasileiro, com base numa amostra de 352 construtos extraídos do Corpus do Português (Web/Dialetos). As análises foram conduzidas à luz da LFCU e da GC, considerando os conceitos de (inter)subjetividade (Traugott; Dasher, 2002; Tantucci, 2021), Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1979), inferências pragmáticas e implicaturas conversacionais (Grice, 1975; Traugott; Dasher, 2002). Os resultados permitem as seguintes conclusões.

Em relação ao continuum (inter)subjetivo, demonstrou-se que os construtos de *ficar de + infinitivo* não exibem um nível fixo de (inter)subjatividade. O mesmo subesquema pode situar-se em diferentes pontos do continuum proposto por Tantucci (2021), desde usos altamente subjetivos — em que o próprio falante é o agente do comprometimento, orientando-se para um público específico (I-I) — até usos de intersubjetividade estendida (I-E), em que o comprometimento é atribuído a personas genéricas ou sociais. Essa gradação confirma o argumento de Tantucci (2021) de que tratar a intersubjetividade como categoria binária limita a compreensão das habilidades pragmáticas dos falantes.

Quanto aos Atos de Fala, identificaram-se cinco tipos: comissivos de primeira pessoa, comissivos atributivos, assertivos reportativos, assertivos epistêmicos e Atos de Fala Indiretos. Os atos comissivos de primeira pessoa são os mais diretamente alinhados ao significado prototípico da construção; os comissivos atributivos — mais numerosos nos dados — revelam o uso do subesquema como estratégia de responsabilização de terceiros. Os atos assertivos epistêmicos, associados ao presente habitual, demonstram que *ficar de + infinitivo* pode ser recrutado para além do domínio deôntico, alcançando valores modais de probabilidade e constatação. Os AFIs mostram como o subesquema pode veicular avaliações implícitas a partir de inferências contextuais — especialmente em perguntas retóricas e em sequências narrativas de descumprimento acumulado.

No eixo das inferências pragmáticas, confirmou-se que a implicatura cobratória é a mais recorrente, especialmente quando o construto ocorre no pretérito perfeito acompanhado de negação ou contração. Essa implicatura é fortemente favorecida pelo gênero da reclamação. Em outros gêneros, as inferências ativadas variam: da continuidade discursiva e reforço de face positiva (blogs pessoais) ao questionamento retórico de comprometimentos não honrados (fóruns). Em todos os casos, o co(n)texto é imprescindível para a plena recuperação do sentido pragmático pretendido.

Do ponto de vista teórico, os resultados reforçam dois argumentos centrais da LFCU e da GC. Primeiro, que a gramática é motivada pelo uso: os diferentes propósitos pragmáticos identificados para *ficar de + infinitivo* só se compreendem plenamente quando analisados em seus contextos reais de ocorrência. Segundo, que a dimensão sociointeracional não é epifenômeno da semântica, mas co-constitutiva do significado

construcional: é no uso, orientado por propósitos comunicativos e moldado pelo domínio discursivo, que *ficar de + infinitivo* revela sua plena funcionalidade.

Como perspectivas de pesquisa, indicam-se: (i) a ampliação do corpus para outros gêneros e domínios discursivos, de modo a mapear com mais precisão a variação pragmática do subesquema; (ii) a investigação diacrônica dos processos de (inter)subjektivização vinculados a *ficar de + infinitivo*, em conformidade com as propostas de Traugott (2010) e Tantucci (2021); e (iii) estudos comparativos com outras variedades do português, a fim de verificar em que medida o comportamento pragmático aqui descrito é específico do PB ou partilhado por outras variedades lusófonas.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, [1962] 1990.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (org.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William. Radical Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (ed.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 211-232.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. Corpus do Português: Web/Dialects. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 16 out. 2021.

EVANS, Vyvyan. *A glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

FILLMORE, Charles. Grammatical Construction Theory and the familiar dichotomies. In: DIETRICH, Rainer; GRAUMANN, Carl Friedrich (ed.). *Language processing in social context*. Amsterdam: North-Holland, 1989. p. 17-38.

FILLMORE, Charles. The pragmatics of constructions. In: SLOBIN, Dan Isaac; GERHARDT, Julie; KYRATZIS, Amy; GUO, Jiansheng (ed.). *Social interaction, social context, and language: essays in honor of Susan Ervin-Tripp*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1996. p. 53-69.

FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola (org.). *Construction grammar in a cross-language perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa do (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: EDUFRO, 2023. v. 1, p. 15-36.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (org.). *Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos, metodologia e análises*. Natal: EDUFRN, 2013.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (ed.). *Syntax and semantics: speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy (ed.). *Syntax and semantics 12: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p. 213-241.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 2: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald. Reference-point constructions. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 4, n. 1, p. 1-38, 1993.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NUYTS, Jan. Notions of (inter)subjectivity. *English Text Construction*, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 53-76, 2012.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. Funcionalismo linguístico: perspectivas e legados. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Linguística: conceitos, categorias e métodos*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 97-116.

SANTOS, Líneker Trajano dos. *A construção modalizadora [(Suj) + ficar de + infinitivo] sob o viés funcionalista*. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SANTOS, Líneker Trajano dos. *Abordagem funcional centrada no uso da construção modalizadora [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}]*. Orientador: Edvaldo Balduino Bispo. 2023. 233 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SEARLE, John R. *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

TANTUCCI, Vittorio. From immediate to extended intersubjectivity. *Pragmatics*, Antwerp, v. 31, n. 2, p. 286-315, 2021.

THORNBURG, Linda; PANTHER, Klaus-Uwe. Speech act metonymies. In: BLANK, Andreas; KOCH, Peter (org.). *Historical semantics and cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 229-261.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In: PROCEEDINGS OF THE ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 14., 1988, Berkeley. *Proceedings [...]*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1988. p. 406-416.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-70.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre o autor

Líneker Trajano dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4401-2076>

Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN (2023), com ênfase em Linguística Teórica e Descritiva. Integra o grupo de pesquisa Discurso Gramática, com foco na Linguística Funcional Centrada no Uso. É vinculado à Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, atuando nas redes pública e privada de Natal (RN). Desenvolve pesquisas sobre modalização, gramática de construções e ensino de português (PL2 e PLNM).